



Nº 90
Jan. a Mar. - 2012

ORGÃO TRIMESTRAL DA LIGA DOS COMBATENTES - NÚCLEO DA COVILHÃ
Distribuição Gratuita



PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
6200-344 COVILHÃ
TAXA PAGA

O Combatente da Estrela

Caros Combatentes,

Apesar das conhecidas limitações por que passa a generalidade das colectividades, o velho aforismo de que “a união faz a força” continua a merecer honras ao comandar os destinos deste Núcleo, onde se procuram concretizar actividades de interesse para os Associados e simultaneamente prestigiantes para a Liga dos Combatentes.

Neste âmbito e durante a Assembleia Geral realizada a 17 de Março último, foram evidenciados os conteúdos do Relatório de Actividades e Contas respeitantes a 2011 e do Plano de Actividades para 2012, documentos que, uma vez postos à discussão, foram aprovados sem reservas.

Respigando algumas das iniciativas a que a Direcção dedicou maior atenção neste último ano de mandato e que se prenderam com Comemorações, Memórias, Homenagens e acção filantrópica concretizada, foram também salientadas as actividades que maior número de Associados suscitaram, como foi o caso da Exposição e do Colóquio sobre os “50 anos do Início da Guerra do Ultramar” e das visitas ao Minho e à Galiza, uma e outra com apreciável feição lúdico-cultural. Naturalmente que “O Combatente da Estrela” foi igualmente alvo de uma apreciação específica enquanto meio de ligação entre o Núcleo e os Associados.

Ainda durante esta reunião magna foram eleitos os Associados Combatentes que vão orientar a gestão do Núcleo no triénio 2012-2014.

Sentiu-se, todavia, o que vem acontecendo desde há algum tempo a esta parte - a ausência de Associados que tomem parte activa nestas Assembleias, possam vir a colaborar na actualização dos interesses do Núcleo e participem igualmente nas diversas actividades, nomeadamente nos convívios sociais. Cabe referir a forma de convivência sob a forma de tertúlia, organizada nos últimos tempos por antigos Combatentes, de periodicidade aproximadamente mensal, e durante a qual é sugerido um tema para amena discussão. O conhecimento científico ou de experiência feito possibilitam, assim, a necessária “autoridade” para falar e debater o assunto do dia apresentado.

Reconhecendo-se que o associativismo assume relevante importância, particularmente sob as vertentes cultural e recreativa, a promoção e o desenvolvimento da afirmação do Núcleo, o maior ou menor sucesso em concretizar as actividades planeadas, e outras que o possam vir a ser, dependem também da desejável participação de um número mais significativo de Associados. Ao reforçarmos o trabalho associativo estar-se-á a contribuir para o fortalecimento do Núcleo enquanto interlocutor junto de outras entidades, para o encorajamento pela fidelização associativa e, principalmente, para uma maior solidariedade entre Combatentes.

Esperamos-vos nas novas instalações, ainda provisórias...



Afonso de Mesquita

Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Núcleo da Covilhã





O CENTENÁRIO MONUMENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Opinião de
João de Jesus Nunes

Em local aprazível, na zona do Bairro de Santo António, perto da reitoria da Universidade da Beira Interior, onde in illo tempore existiu o Convento de Santo António, ergue-se, imponente, saudando a cidade da Covilhã, a Rainha Padroeira da Cidade e de Portugal, num monumento que veio a ser inaugurado no dia 10 de Outubro do ano da graça de 1904.

Aconteceria então esse evento, nas comemorações do 50.º aniversário da proclamação dogmática da Imaculada Conceição de Maria, cujo dogma de fé foi definido em 08.12.1854, pelo Papa Pio IX.

E, tendo em 1858 acontecido as aparições de Nossa Senhora de Lourdes, em França, onde a Virgem confirmou que era a Imaculada Conceição à vidente Bernadette Soubirou, veio originar que, tendo a imagem sido encomendada em França, foi entregue com as feições de Nossa Senhora de Lourdes, embora seja considerada pelos covilhanenses Nossa Senhora da Conceição.

Já escrevi, num periódico, precedendo as comemorações do centenário da inauguração do monumento, reportando no texto vários eventos importantes, a alguns dos quais assisti, adolescente e jovem, como na data de 26 a 30 de Maio de 1954 em que a Diocese da Guarda promoveu, na Covilhã, um Congresso Mariano, no centenário da definição dogmática da Imaculada Conceição, com a apoteose de dezenas de milhar de pessoas.

Depois, as festas comemorativas do Centenário de Lourdes, de 27 a 29 de Junho de 1958, na Covilhã, tiveram a presença do Núncio Apostólico, D. Fernando Cento. Recordo que, como estudante, esperámos por ele e pela sua comitiva, junto à Igreja de S. João de Malta, com bandeirinhas amarelas e brancas, alusivas às cores da Santa Sé. Num daqueles dias, no grande salão que existia no r/chão do bloco mais antigo da Escola Industrial, ali também fora recebido o Núncio Apostólico, juntamente com o Bispo da Guarda, D. Policarpo da Costa Vaz, Presidente da Câmara, Director da Escola, Eng.º Ernesto Melo e Castro e outras entidades civis, religiosas e militares, para uma conferência alusiva ao acto que se vivia.

Mas o forte das comemorações aconteceu no Monumento de Nossa Senhora da Conceição.

Mais tarde, aquando da vinda das relíquias do Santo Condestável à Covilhã, com pompa e circunstância, em 20 de Maio de 1961, foi, mais uma vez, o monumento em causa objecto de festividade, nomeadamente com a colocação no mesmo, algum tempo depois, duma réplica da espada de Nun'Álvares, que se manteve durante vários anos até que um dia foi retirada, lamentavelmente, por indicações do pároco da freguesia de S. Martinho. Lá apareceu a réplica da espada, mais tarde, encontrando-se actualmente à guarda da Fraternidade Nun'Álvares.

Todas estas festividades eram palco de grandes iluminações públicas, quer no edifício dos Paços do Concelho, quer na envolvente das igrejas da cidade, e não só, fruto do trabalho inteligente e artístico, que sabia coordenar, o responsável de então pelo organismo municipal, Alexandre Galvão Aibéo.

Algumas fotografias deste trabalho, que embelezaram a cidade, nas aludidas comemorações, podem ser consultadas no 2.º volume do meu livro "Vida e Obra dos Bombeiros Voluntários da Covilhã", fruto da prestimosa colaboração de D. Isabel Maria Aibeo.

Também do monumento se desfruta uma excelente panorâmica da cidade e região, assim como da Serra da Estrela. Lugar de silêncio que se traduz também numa tranquilidade de espírito, onde muita gente faz visitas diárias ou periódicas, algumas no cumprimento de promessas.

Em tempos houve a preocupação de efectuar uma escadaria que desse acesso à parte sul para integrar mais o monumento dentro da cidade, tendo o semanário "Notícias da Covilhã" servido de recolha de subscrições para participarem no melhoramento do local e do monumento, o que veio a acontecer, durante várias semanas.

E foi Mário do Carmo Martins que me fez re-



cordar a generosidade dos covilhanenses, iniciada com o número de 6 de Dezembro de 1991, daquele jornal, então num apelo do Padre José Batista Fernandes, entregando-me um conjunto de documentação deste semanário, fazendo questão da sua entrega se verificar exactamente no dia em que se completavam 20 anos desse evento, ou seja, no dia 06/12/2011.

Depois, numa demonstração de quanto o lugar do monumento, e o espaço envolvente, são acolhedores, e geradores da esperança, agradecimento e uma certa tranquilidade de espírito, junto de Nossa Senhora, Padroeira dos Covilhanenses, foi-me feito reparo, algo de alguma preocupação, por quem o visita regularmente, dado o facto de, na zona do acendimento das velas, o seu específico espaço não se encontrar devidamente protegido, com as mesmas a tombarem, algumas caindo.

Penso que a edilidade poderá dar uma ajudinha no sentido de resolver a situação, pois o local bem o merece, e só o não terá feito por desconhecimento.

João de Jesus Nunes
joao.jesus.nunes@mail.telepac.pt

A PRECARIEDADE DE UM PAÍS

“Lutar, lutar, lutar”, são certezas deixadas por jovens licenciados desempregados que garantem não baixar os braços e não se resignarem à realidade.

A taxa de desemprego em Portugal atingiu os 14 por cento no quarto trimestre de 2011 e no que respeita ao ensino superior a taxa de licenciados desempregados é de 10,6 por cento, segundo dados revelados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em Fevereiro do presente ano.

De Norte a Sul do país há muito que o medo do desemprego aterroriza o dia-a-dia daqueles que ingressam no ensino superior. Os jovens vêm na universidade uma garantia de futuro, mas a realidade com a qual se deparam no fim das licenciaturas não é essa.

Num concelho do interior alentejano, com cerca de 6000 habitantes, Alandroal, situado no distrito de Évora, muitos são os jovens que vêm no ensino superior uma escapatória à ruralidade onde habitam.

Licenciados em desespero

Sílvia Santos Festas licenciada em *design* de moda pela Universidade da Beira Interior (UBI), desde 2010 que espera pelo emprego que tanto sonhou. O mercado de trabalho ainda não lhe deu a oportunidade que tanto queria, mas a jovem não perde a esperança. Nunca baixou os braços e continua a lutar porque como a própria afirmar “parar é morrer”.

Sílvia trabalha como operária fabril e todos os dias no percurso entre casa e o trabalho pensa na sua vida. A tristeza está presente no seu olhar porque não tem o emprego que deseja, mas em tempo de crise foi o que conseguiu arranjar. “Não há dia em que ao acordar não pense no rumo que a minha vida tomou, não foi o que sonhei, mas foi o que consegui arranjar. Não quero trabalhar como operária fabril para o resto da minha vida, mas até ao momento não consegui nada na minha área e por isso tenho que aproveitar o que há”.

Em situação semelhante encontra-se Liliana Pato, licenciada em gestão bancária, estudou na Universidade de Évora e terminou o curso em 2011. Até agora a única experiência na área foi o estágio curricular e desde o fim da licenciatura que tenta arranjar emprego.

A jovem tirou o curso que sempre sonhou, e como afirma “sempre tive um gostinho por números e esta era a área que mais me cativava. Não me arrependo de o ter tirado, mas de facto nunca pensei que me iria deparar com estas dificuldades”.

Liliana não conseguiu suportar a realidade, a tristeza e a frustração e caiu em depressão. O desespero marca o seu quotidiano e não há dia em que não procure trabalho. “Preciso trabalhar, sair de casa, ter uma ocupação para conseguir superar o sentimento que tomou conta de mim. É muito mau ver o meu namorado sair de casa todos os dias para ir trabalhar e eu ficar. Não foi para isto que lutei”.

Por outro lado, Daniel Padilha formado em educação física e desporto, e namorado de Liliana terminou o curso em 2007. Antes de terminar o curso já tinha emprego e sempre trabalhou na área. No ano passado abraçou outro projeto e entrou na política. É vereador na Câmara Municipal de Alandroal e tem uma visão muito própria sobre o mercado de trabalho.

Segundo Daniel, “os jovens são o futuro de qualquer país, são o pilar da sociedade e fazem falta a Portugal. Esta é a geração com mais habilitações de sempre e o país tem de saber aproveitar isso”.

Vânia Calisto, enfermeira, também ela espera por uma vaga que teima em não chegar. Desiludida com a situação com que se depara, luta por uma hipótese na área que sempre sonhou. “O meu dia-a-dia é passado ligado à internet, à procura de uma vaga”. Não consegue trabalho como enfermeira e por isso

o desespero obriga-a a procurar emprego noutros quadros menos qualificados.

Em tom de desabafo, Vânia afirma ter dois currículos diferentes, “um para apresentar nas candidaturas como enfermeira, onde revelo a verdade do meu percurso académico e o outro onde apenas digo que tenho o ensino secundário, mas tanto um como outro ainda não deram resultados. Não consigo arranjar nada!” É com semblante pesado que a jovem revela o que lhe vai na alma.

A média de 17 valores que a jovem alcançou no fim do curso não foi determinante como pensara. “Esforcei-me muito, foram muitas as noites de estudo passadas em claro, sem contar os gastos financeiros dos meus pais. Sabia que a média podia fazer a diferença e por isso batalhei ao máximo, mas até ao momento só vi os meus colegas de curso, com médias inferiores à minha passarem-me há frente”.

Elisabete Pisco e Joaquim Miguel Grilo são mais dois exemplos de insucesso proporcionado pelo mercado de trabalho. Os dois jovens sempre foram amigos e estudaram juntos desde os seis anos. Entraram no curso de terapia da fala por razões diferentes, mas confessam que gostaram e que se entregaram por completo.

Elisabete não consegue arranjar emprego e aponta a concorrência como um entrave. Tomou a decisão de ir fazer uma especialização mas como a própria afirma “não é certo que vá valer de alguma coisa. Como pessoa e como profissional certamente que me enriquecerá, mas isso pode não se traduzir no mercado de trabalho”.

Joaquim Miguel também se encontra na mesma situação que a amiga. Não consegue o emprego que tanto deseja e enquanto isso vai ocupando o tempo livre no restaurante da família. “É uma forma de estar ocupado e de me ir conseguindo sustentar, porque a vida não está fácil”.

Ambos compartilham da mesma opinião “a crise trouxe grandes dificuldades financeiras às famílias portuguesas, e só em casos extremos é que as pessoas recorrem a terapeutas da fala. Geralmente estes casos estão sinalizados e são participados pelo Estado, porque regra geral, quem tem problemas menores e tem de pagar do seu próprio bolso não vai às consultas.

Qualquer um destes jovens não consegue ser feliz na totalidade. Há uma parte de si que não está realizada e o sentimento de revolta é inevitável. Olham o horizonte com olhar vago, como se tentassem perceber o que é que o futuro lhes reserva. Mas enquanto as respostas não chegam, só lhes resta a esperança e a certeza de não baixarem os braços e continuarem a lutar.

Elisabete Festas



COISAS DO OUTRO MUNDO - 10

O estranho e deslumbrante mundo invisível

Sabia que a crença nos espíritos dos mortos faz parte da cultura dos europeus e de todos os outros povos do mundo, incluindo os mais primitivos mas no fundo jamais me convencera da possibilidade de existirem almas ou espíritos, de pessoas vivas ou mortas.

Ouvira falar vagamente do espiritismo, de mesas giratórias de «pé de galo» e de casas assombradas. Lembrava-me até de, na minha infância, os meus colegas afirmarem que um palacete de pedra clara, habitualmente desabitado, situado a poucas dezenas de metros da Lagoa de Óbidos e a outras tantas do mar, estava infestado de almas do outro mundo que se divertiam a abrir e fechar portas e janelas. Nessa época, sempre que passava por perto, olhava o casarão como se fosse um sítio mágico onde aconteciam coisas sobrenaturais.

Só a partir do dia em que, por um mero acaso, tomei contacto directo com uma das múltiplas facetas do mundo invisível que nos rodeia, é que passei a aperceber-me da grande importância do tema. E não parei, durante anos, de tentar aprofundá-lo por me parecer estar na presença da ponta da meada que poderia conduzir-me a uma explicação mais completa do sentido da vida. Com o tempo, fui constatando que o mesmo sucedera com muitos outros curiosos solitários. Uns investigaram tanto quanto puderam e continuaram na dúvida. E outros, deslumbrados com os fenómenos que tinham pela frente, à força de tanto estudá-los e experimentá-los, acabaram por perder o seu equilíbrio mental, passando a viver num mundo anómalo, como aconteceu com um moço de dezanove anos de idade que encontrei um dia por acaso numa rua de Odivelas. Tendo-me o rapaz pedido um cigarro, ambos mantivemos a seguir uma interessante conversa. Considerando a sua pouca idade, o moço possuía uma excelente cultura filosófica e, mais do que isso, dominava os meandros do espiritismo. Momentos depois apareceu a irmã, que esclareceu estar o rapaz em tratamento num hospital psiquiátrico devido às consequências do estudo intensivo das ciências ocultas. Era claramente dotado de uma inteligência superior mas notava-se que estava fragilizado.

Os fenómenos paranormais são em si surpreendentes. Mas mais espantosa ainda é a relativa ignorância e repulsa de que eles são alvo por parte da generalidade das pessoas. O temor do oculto, aliado a preconceitos religiosos e sociais, acabam praticamente por torná-los acessíveis apenas a alguns estudiosos e àqueles que involuntaria-

mente os protagonizam e que se sentem de certo modo suas vítimas. Das «coisas do outro mundo» foge quase toda a gente, independentemente do grau de cultura de cada um, como se o ser humano estivesse programado para viver e comportar-se dentro de certos parâmetros impostos por uma lei natural redutora da realidade global. Aqueles que têm o arrojo de levantar o véu e espreitar uma parte da verdade oculta terão de confrontar-se depois com a dificuldade de transmitirem o seu saber aos que nada sabem porque estes, por quaisquer razões do foro psicológico, tendem a não acreditar ou mesmo negar o que viram, como se desajassem não passar por loucos ou convencer-se a si próprios de que o não são.

A notícia da existência de fenómenos paranormais no tempo da Inquisição corria clandestinamente de boca em boca e poderia implicar condenações à morte na fogueira. Com o advento da liberdade de expressão do pensamento em finais do século XVIII e com a evolução acelerada das tecnologias de informação no século XX, esses fenómenos passaram a ser amplamente divulgados. São agora temas de filmes, de programas televisivos de natureza científica e de artigos publicados em jornais e revistas.

Um dia, cruzando-me com o Vieira, que via quase diariamente, este fez-me uma revelação que me surpreendeu. Ontem assisti, pela primeira vez, a uma sessão de espiritismo, orientada pela minha prima, estudante de medicina em Coimbra. Todos ficámos espantados com o extraordinário saber da moça e sobretudo com o diálogo que travámos com o espírito de um homem falecido há mais de cem anos, o qual respondia em português às perguntas que lhe fazíamos.

Vinda de uma pessoa da minha plena confiança, aquela estranha confiança adquiria foros de credibilidade. Não tinha dúvida alguma de que o Vieira estava de boa fé e falava verdade, embora pudesse ter sido vítima de um equívoco ou de uma fraude. O evento aguçou-me a curiosidade e estimulou-me a procurar esclarecer aquela singular informação, convencendo o meu amigo a propor à sua prima a repetição da experiência perante um grupo constituído por sete pessoas das relações comuns, que ambos conseguimos reunir na noite de 2 de Junho. Começava aí a minha longa caminhada no sentido da tentativa de descoberta da Verdade através de uma nova via, traçada entre os campos da racionalidade e da irracionalidade.

Rui Barreto

OS REFUGIADOS

O mundo está cheio de conflitos e de pobreza. Milhões de seres humanos vivem mal alimentados e inseguros. Os mais esclarecidos, sabendo que existem países na Europa dispostos a dar-lhes guarida, vêm aos milhares tentar a sua sorte. E quando são bem sucedidos, muitos outros aparecem a seguir. Conseguir o estatuto de refugiado ou asilado num país abastado europeu poderá ser um excelente modo de vida.

Ser oficialmente «refugiado» ou «asilado» em Portugal é ter direito, sem trabalhar, a alojamento, alimentação e subsídios de vária ordem, além do acesso gratuito aos sistemas de saúde e de ensino.

Até Dezembro de 2009 António Guterres, ex-primeiro ministro de Portugal e Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, havia conseguido convencer o anterior governo a conceder o estatuto de refugiado a 74 pessoas.

Portugal mostrava-se um país acolhedor, havia sempre lugar para mais um! A Ucrânia não reconheceu tal estatuto a alguns imigrantes e expulsou dez afegãos, três etíopes e um somali. Mas o pequeno Portugal acolheu-os de imediato como refugiados.

Teresa Tito Morais, presidente da organização privada «Conselho Português para os Refugiados», tem dado nas vistas ultimamente ao chamar a si todas as televisões e jornais para informá-los de que a sua organização não tem dinheiro para sustentar os seus 130 protegidos, que vem considerando «refugiados» mas que na realidade não o são, pois nenhum deles tem o estatuto de refugiado ou de asilado conferido pela Lei 27/2008, que prevê um processo relativamente moroso.

Teresa Morais criou expectativas a essas pessoas, garantindo-lhes subsídios, alimentação e alojamento indefinidamente. Contava fazer caridade à custa dos dinheiros públicos, pedindo aqui e acolá. Agora, estando o país mergulhado numa gravíssima crise, com centenas de milhar de portugueses em situação de carência, vê-se metida numa alhada. E tenta chutar a sua responsabilidade para o Estado.

Ramos Duarte

NUNCA SE REGRESSA DE ÁFRICA

Os soldados baixaram-se todos, o furriel Bastos começou a espreitar pela máquina fotográfica e o cabo Bento sozinho lá à frente na picada a tentar levantar a mina anticarro.

Parece um filme na minha cabeça. Sempre a repetir a mesma coisa: o palerma do furriel a tirar fotos a tudo, os soldados alapados e o Bento ajoelhado como se estivesse a rezar.

A minha G3 cheirava à máquina de costura da minha mãe.

Não ouvi o rebentamento da mina. Não me lembro. Dizem que andei à procura dos restos do Bento mas também não me lembro. Dizem de tudo. Cada um a sua versão, mas eu que estava a olhar para o Bento não me lembro de mais nada. Só, mais tarde, um poncho enrolado com qualquer coisa lá dentro, e o enfermeiro Costa desfigurado, abanando a cabeça.

Será que Deus apaga na nossa memória aquilo que acha que é demais para nós? Parece que estou a ouvir o furriel a dizer "Ó Sousa, se Deus pode fazer alguma coisa, que acabe a Guerra de uma vez e pronto!" Às vezes parece parvo, para que quer ele as fotos daquelas desgraças?

A minha G3 depois de oleada cheirava tal e qual a máquina de costura da minha mãe. Se calhar é melhor assim, se Deus não pôde acabar com a guerra ao menos que apague as lembranças que nós trazemos.

Mas às vezes parece-me muito estranho que não me lembre de certas coisas, como quando te vi a falar com o Adelino. Tenho a certeza que vi qualquer coisa: uma mão, um sorriso, um gesto. Fiquei para morrer. Tu ali, de frente para ele, debaixo do alpendre.

- Estavas a falar com quem?

E tu: - Ninguém, era o Adelino.

Eu fiquei em silêncio uma data de tempo, e tu: - Qual é o problema? Ele parou para saber se estava tudo bem comigo, e eu disse-lhe que sim. E eu, nada.

E passou mais uma data de tempo, e tu: - Isso não te passa nunca, é?

E foste embora para o trabalho.

Não passa não, Zulmira. Parece que são borboletas no meu peito. Borboletas a gritarem. Sei que nunca entenderias. Elas gritam batendo as asas. Milhões de borboletas dentro do meu peito. Parece que os pesadelos nunca passam. Que foi que eu vi, Zulmira? O que vi eu na picada em África que me plantou um cardo no peito que me faz sangrar sem eu saber porquê, e que vi eu no alpendre que me faz sentir as asas das borboletas a ferverem, a ferverem sem descanso? Não sei, mas é como acordarmos de um pesadelo. Não sabemos bem com que sonhamos, mas sabemos que foi um pesadelo porque sentimos o coração aflito e falta de ar. Mas não passa, não desaparece. É como se fosse uma memória encravada, que não anda nem desanda. Uma tatuagem feita com um ferro em brasa não sei onde, mas que me queima a alma. Uma alma tatuada. Tatuada com uma memória invisível que dói.

A minha G3 era uma máquina de costura.

Sinto-me cansado. Tão cansado. Queria abrir uma janela no peito e tirar os cardos e deixar sair as borboletas.

Que pena não me teres amado antes, Zulmira. Que pena não me teres amado quando viajávamos sem este fardo e estávamos no princípio da viagem.

Tu chegavas devagar, sempre tão devagar, que parecia uma aparição, e abria-se uma janela algures quando tu chegavas. Quando eu olhava para ti, parecia dia de festa, e ficava quedo e mudo, porque eu não estava preparado para a tua beleza.

Se eu dizia "Ó Zulmira uma mulher linda como tu não tem o direito de estar triste", tu zangavas-te. É que era estranho que a tua beleza fizesse os outros felizes e a ti não.

O furriel um dia viu a tua foto e disse que tinhas um ar de mulher fatal.

E depois disse: - Coitada!

E eu: - Coitada, porquê?

E ele: - As mulheres fatais matam de amor e morrem de solidão.

Falava demais o furriel.

A nossa história é só um desencontro Zulmira, nunca deu certo. Quando eu te amava, tu até trocavas de mim; agora que me procuras de noite na cama, eu sinto um frio tão grande como se o meu corpo fosse um cadáver e tu tivesses vindo chorar sobre o meu caixão.

Gostaria de contar a nossa história a alguém, gostaria de escrever a nossa história para fazer chorar alguém com ela, de maneira a não me sentir tão só, mas como não serei capaz de a escrever, hei de plantar uma árvore que dure quinhentos anos, e hei de pôr-lhe o teu nome; sempre que o vento passar por entre os seus ramos ficará a saber um pouco de nós.

Já não te amo Zulmira, mas lembro-me bem de te ter amado, e por baixo das borboletas e dos cardos, trago no peito um grande amor por ti. Um amor que ainda tenho dentro de mim, mas já não sinto, como uma dor de cabeça que deixou de doer por causa do remédio, mas que a gente sente que ainda está lá.

A minha G3 era uma máquina de costura, não era mais do que uma máquina de costura. O furriel a tirar fotografias àquela desgraça. A cara do enfermeiro Costa desfigurada. Toda a gente aterrorizada. Às vezes penso que tudo aquilo foi um pesadelo que tive. Um pesadelo como os que ainda tenho, onde vejo tudo sempre a repetir-se, mesmo a meio do dia. Mas nunca vejo os rostos nem ouço os gritos. Como não me lembro da mina a explodir.

Depois deu-me uma vontade de destruir. Não era vontade de matar, Zulmira, era uma vontade de destruir. Destruir a guerra, se fosse possível. O Bento desapareceu. Não morreu, desapareceu. Só encontraram uma bota com um pé lá dentro e um fio de ouro com a Nossa Senhora de Fátima.

- Se Deus existe, anda a gozar connosco. - Disse o furriel.

E eu olhei para o poncho a embrulhar a bota do

Bento e depois virei-me prá malta ali à volta e disse que queria ser enterrado na minha terra, como devia ser.

E ele: - Não achas que deves morrer primeiro? Porque precisava ele de dizer aquelas coisas?

Que se vê naquelas fotos? Floresta, soldados, mortos e feridos. Coisas paradas como se não tivessem alma. Uma foto não apanha o cheiro da minha G3, não apanha a dor, não apanha o último pensamento do soldado que vai morrer.

Em que pensou o Bento, quando estava debruçado sobre a mina como se estivesse a rezar? Que foto pode guardar isso? Será que o furriel vai mostrar essa foto a alguém e depois vai dizer "Este gajo morreu logo", como fazem os caçadores com os troféus de caça?

Depois rebentou a emboscada e eu descarreguei a G3 para o capim. Não sei se matei alguém. Só apertei o gatilho.

Eu disparava a G3, e ela trabalhava afinadinha como uma máquina de costura. Ta-ta-ta-ta. Era tão fácil. Ta-ta-ta-ta. Costurava o medo.

Depois: silêncio. Quando penso nisso, fico com a ideia que desde então não se passou nem se disse nada, só silêncio. Alguns vultos a passarem à frente da luz, mas eu encandeado, não distingo mais nada. Não sei se me estou a lembrar da guerra ou do pesadelo da guerra. Há luz a mais, não vejo bem o que se passa. Ficou um vazio cheio de uma luz que cega. E esse vazio tem vozes e gritos tão dolorosos que eu não os ouço. Tem dores e medos tão assustadores que eu não vejo os rostos das pessoas assustadas.

Às vezes eu sei que é um pesadelo, um pesadelo apenas, mas quero acordar e não sou capaz. Quero sair dali, quero vir embora e não é possível; a gente vai à guerra e nunca mais sai de lá. Nunca se regressa de África. Nunca se regressa da guerra Zulmira.

Que medo é este? Que dor é esta que Deus, por piedade de mim, me impede de conhecer? Sinto que não é um medo meu. Sinto que é o medo de todos os mortos da guerra, todos juntos, a sentirem medo de si próprios.

Só me lembro do furriel a tirar fotos, o Bento ajoelhado, a cara do Costa desfigurada, eu a disparar a minha G3 para o capim, tal e qual a máquina da minha mãe. A costurar o medo. E enquanto disparava não sentia medo, nem raiva, nem nada. Será que morreu alguém por causa disso? Será que matei alguém?

E depois o silêncio. Um silêncio como uma luz que encandeia. É esse silêncio que me mata. Não matei ninguém, os turras eram fantasmas, estavam lá apenas para nos meterem medo a nós, e nós estávamos lá também só para assustarmos esses fantasmas.

Ta-ta-ta-ta!

Era só a máquina de costura da minha mãe. Ta-ta-ta-ta.

Ninguém morria com uma máquina de costura, pois não mãe?

Manuel Bastos

In: www.cacimbo.blogspot.pt

A MINA DA MINHA VIDA

De manhã muito cedo tinha saído uma coluna para o destacamento mais longínquo. Eu e o capitão ficámos no snack-bar da companhia (ver que beleza na fotografia) a tomar o pequeno-almoço: uma fresquíssima garrafa de vinho verde e uns cachorros. Maravilha, o nosso frigorífico a petróleo funcionava mesmo bem! Era o menu matinal do capitão, não o meu habitualmente, mas nesta altura acompanhava-o.

Eis se não quando chega o radiotelegrafista a correr todo agitado:

"Meu capitão, a coluna encontrou uma mina!"

"Deflagrou?"; perguntou o capitão com preocupação.

"Dizem que não. Os picadores detectaram-na e agora estão lá parados."

"Então, vou lá ver isso aqui com o nosso alferes. Vamos?"

"Claro, vamos lá."

Ainda eram alguns quilómetros, saímos num unimog com uma secção do meu pelotão. Eu próprio já tinha feito várias vezes aquele percurso para o tal destacamento, quer para levar abastecimentos quer para operações na sua zona. Quando chegámos lá estava a coluna parada, o alferes comandante desta, o Domingos Maçarico, e alguns soldados e milícias picadores à volta da mina. Era uma TMD, uma anti-carro. O capitão deu ordem para se afastarem todos para longe. Ficou ele e eu e os nossos guarda-costas. Virou-se para mim:

"Vamos oferecer esta mina ao nosso comandante de batalhão. Além disso isto dá dinheiro."

Não sabia quanto é que dava e não estava nada interessado em ganhar dinheiro dessa maneira. Como estava lixado com os mandões do batalhão e do agrupamento, porque me tinham antes mandado para a boca do lobo abusando da minha ingenuidade, também não estava nada virado para lhes oferecer prendas.

Mas, enfim, a prenda era dele, que se lixe.

Ajoelhámo-nos os quatro, peguei na minha faca de mato e comecei a escavar à volta da mina. Chegou-se, entretanto, um furriel ao pé de nós e tirou uma fotografia. O capitão enxotou-o:

"Já disse para saírem daqui, porra!" Continuei a escavar. Quando já não havia terra nenhuma à volta da mina, levantei-me e achei por bem dizer-lhe:

"Não vejo nada aqui à volta. Mas eu não sou especialista nestas coisas e parece-me que é melhor rebentá-la com uma granada ou puxá-la de longe com uma corda. É melhor não arriscar."

"Nada disso, pá. Vai ser um ronco e quero oferecê-la ao comandante de batalhão. Vamos levantar isto."

O meu guarda-costas já se tinha levantado também, estava ao pé de mim e olhava-me com aprovação. Disse decididamente:

"Então não sou eu que pego nisso."

Ficou o capitão mais o seu guarda-costas ajoelhados ao pé da TMD. Quando o guarda-costas dele começou a levantar a mina eu e o meu recuámos dois passos.

É outra dimensão. O trovão e a fâsca rápidos que nos lançam no vazio, sem passado nem presente, nem nada pela frente. Não se sente, nem há qualquer pensamento, nem dor ou sofrimento. Forma rápida de sair da vida para o nada.

Só sei que dei por mim deitado na mata, fora da picada. Levantei-me e vi ao pé o capitão também deitado. Não se mexia, a farda tinha desaparecido quase toda, a perna direita estava pegada ao joelho por uma tira de pele, os testículos estavam desfeitos. Mais à frente estava o meu guarda-costas, que se tinha levantado e parecia não ter nada. Perguntei-lhe como estava. Disse-me que só tinha uns estilhaçositos. Fui até ao buracão da mina, olhei para o fundo e vi lá bocados de uma granada de morteiro. Tinha sido assim, um rebentamento por simpatia. Vários elementos da coluna tinham-se aproximado. O alferes comandante olhou para mim estarrecido:

"Estás a deitar sangue dos ouvidos." Ouvi-o mal mas ainda percebi e levei lá as mãos. Vieram cheias de sangue.

"E o guarda-costas do capitão?"; perguntei-lhe.

"Já o procurei mas não o encontro." Decidimos colocar o capitão em cima dum poncho e levá-lo para a sede do batalhão, onde havia um médico. Na nossa companhia não havia. Ainda pensámos que podia estar vivo. Por isso vimos que não havia tempo de procurar o homem que levantara a mina, o qual, concluímos, devia ter os bocados espalhados no meio da mata. Depois se veria.

Ouvia-me ao longe, mas sei que fui todo o caminho a chamá-los turras filhos da puta, cabrões, hei-de lixá-los... e montes de impropérios, misturados com várias lágrimas.

O médico do batalhão disse que o capitão estava morto. Viu o meu guarda-costas e confirmou que tinha dois pequenos estilhaços, retirou-os e tratou dele. Com dificuldade, mas ouvi-o a dizer-me que tinha dois estilhaços no peito, tirou-mos e olhou-me:

"Estes não têm importância. Mas olhe que você teve uma sorte do caraças. Há um que lhe passou na virilha direita, deixou aí um traço mas não atingiu nada de importante." Sorriu-se mas eu não achei piada nenhuma.

"De qualquer modo tem de ser evacuado porque tem os dois ouvidos furados."

E fui. Veio um helicóptero e levou-me para o HM241, em Bissau. Fiquei lá uma semana, tratado a mais de 15 comprimidos por dia. Hão-de ter-me feito bem a alguma coisa, não duvido, mas ao fim de alguns dias o meu estômago nem a água aguentava. No fim dessa semana fui evacuado para o HMP, para Lisboa.

Mas isso é outra história

- A. Marques Lopes





ASSOCIATIVISMO: ONTEM E HOJE *

EDIFÍCIOS VELHOS COM ALMA; EDIFÍCIOS NOVOS SEM ALMA

O Homem enquanto ser humano, sentiu sempre necessidade de se associar entre si.

No que respeita ao Associativismo que nos nossos dias conhecemos no nosso país, tem muito a ver a sua implantação, com a Revolução Industrial que teve início em Inglaterra ainda no Século XVII e a Revolução Francesa em finais do Século XVIII. Este novo pensamento revolucionou o mundo e também em Portugal haveria de levar à revolução Liberal em 1820.

A sigla "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" passavam a ser usadas como uma nova realidade.

Portugal, vivia no início do Século XIX, uma cise de grandes dimensões, motivada pelas invasões francesas e a retirada da Corte para o Brasil.

O grau de analfabetismo do nosso povo ultrapassava os 80%. O Sistema Social não existia. O atraso Industrial em relação ao resto da Europa era por demais evidente. As Corporações tinham sido extintas.

Com todo este quadro negro e a fim de atenuarem as dificuldades, as classes trabalhadoras as mais desprotegidas da população tal como hoje, começaram por se agrupar e, retirando um pouco do rendimento obtido do seu trabalho, contribuíram para que se formassem Associações de carácter assistencial, que permitissem com os proventos obtidos dos associados, proporcionar aos mesmos a ajuda na doença. Fundaram-se assim as Associações de Socorros Mútuos. Estas Instituições foram fundamentais na assistência que foi dada à Pandemia da Febre-Amarela, nos anos de 1856 e 1857. Muitos Portugueses não resistiram a tal catástrofe, mas teria sido bem pior se essas Instituições não existissem.

A evolução foi acontecendo naturalmente e vários valores sociais se foram revelando, tais como a Solidariedade, a Fraternidade e a Democracia entre outros.

Na segunda metade do Século XIX o Movimento cresceu grandemente, tendo-se constituído nesse período várias Associações de Instrução e Recreio, Associações de Classe, de Bombeiros e ainda Cooperativas entre outras.

Na primeira Republica, as Associações existentes tiveram um contributo fundamental para a alfabetização do povo.

Com a entrada do Estado Novo, as regras viriam a ser alteradas, em virtude de vivermos uma nova realidade em Portugal, um regime ditatorial.

As portas não foram fechadas totalmente ao movimento associativo, mas passou a ser controlado pelo Governo, pois tudo tinha de merecer a homologação ou não dos Governantes, incluindo os Dirigentes das Associações.

Assim decidiu o Governo criar um Organismo denominado de FNAT (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho) hoje INATEL, que tinha e tem como fim o aproveitamento dos tempos livres dos trabalhadores, proporcionando aos mesmos o seu desenvolvimento físico e mental. Foi a maneira encontrada, para controlar as Associações e os seus Dirigentes

Na nossa cidade, a aparição desse organismo, tornou-se num forte contributo para a criação de algumas Coletividades de Cultura e Recreio. Oriental de São Martinho, Leões da Floresta, Estrela de São Pedro, Arsenal de São Francisco, C.C. do Rodrigo e Águias de Santa Maria, se a memória não me falha. Assim apareceram algumas das Coletividades de bairro cuja maioria ainda existe.

O Futebol na vertente Desportiva e o Folclore na Cultural, foram as atividades mais visíveis que essas Associações, viriam a desenvolver.

Se no Futebol o homem era quase o único protagonista, dado que à mulher, socialmente não ficava bem desempenhar essa prática desportiva, já no Folclore esse protagonismo era comum aos dois, talvez até coubesse à mulher um maior destaque. Quem assistia a um espetáculo de Folclore (ainda hoje isso se verifica) os olhares concentravam-

se mais na beleza das raparigas, nos seus trajes e na graciosidade das suas danças. Digamos pois que o rapaz nestes pressupostos, desempenhava um papel secundário.

Este tipo de Associações, (Cultura e Recreio) continuaram a ser criadas na nossa cidade. Académico dos Penedos Altos, Recreativo Refugiense, Vitória de Santo António, Desportivo da Mata, São Vicente de Paulo entre outros. De referir que o G.I.R. do Rodrigo e o G.E.R. Campos Melo, Coletividades bem mais antigas, tinham atingido já um lugar de destaque na vida Associativa Covilhanense.

Diferenças desses anos com os dias de hoje:

Antes: - Os habitantes residentes na área onde a Coletividade existia, procuravam propor-se como sócios a fim de usufruir de determinadas regalias como por exemplo: participação nos bailes, acesso à televisão, práticas desportivas e culturais etc., etc.

Qualquer acorde musical, mesmo que fosse transmitido por um equipamento de som de má qualidade, chamava de imediato os rapazes e raparigas para um bailarico de sábado à noite ou das tardes de Domingo.

Um jogo de futebol transmitido através da Televisão e até anteriormente à chegada deste meio de comunicação, um simples relato dos jogos transmitido pela rádio, atraíam ao Grupo largo número de Associados e simpatizantes do Clube.

Hoje: - Hoje necessitam de ser motivados para se proporem associar-se, dado que não mais um simples toque de um qualquer gira discos, o atrai para o bailarico. A televisão têm-na em casa e, em muitos casos com melhores condições, com 100 ou mais canais podem ver o que mais gostam, comodamente instalado no seu sofá na companhia da família.

A juntar a tudo isto e com a chegada das chamadas novas tecnologias apareceram as redes sociais, que são de certo modo igualmente, uma nova maneira de Associativismo.

Antes: -Os edifícios onde a Sedes Sociais se encontravam instaladas, eram normalmente velhos e com poucas condições, mas por norma estavam repletas de associados.

Hoje: -Ao contrário os edifícios são novos e com todas as condições mas em muitos casos estão normalmente vazios.

É a mesma coisa que um corpo muito bem tratado, mas sem alma.

Aos atuais e futuros Dirigentes, cabe a responsabilidade de inverter esta tendência, segundo minha opinião, devem dar apoio incondicional e por todos os meios ao seu dispor, às secções já existentes e que funcionem bem. Devem ainda criar novos e modernos meios de atração aos atuais e futuros associados. Aos espaços que se encontram vazios (salas) e sem utilidade deve-lhes ser dada vida.

A mulher pode ter um papel muito importante na vida destas Associações de Bairro. Devem os Dirigentes ser sensíveis a estas realidades. Convidá-las a constituírem-se em Grupos para conviver entre si, incentivá-las a fazer trabalhos diversos como artes decorativas entre tantos outros, abrindo-lhes as portas do Grupo e proporcionando-lhes na medida em que for possível, espaços físicos onde se sintam bem.

O Associativismo e em especial as Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto (associações de bairro) constituem em muitos casos o único meio de que o homem dispõe de acesso as atividades físicas, culturais, recreativas ou até de ação social. Desempenham um papel muito importante neste campo, substituindo o próprio Estado, nestas obrigações.

Deixo a terminar alguns números que são bem elucidativos da força do Associativismo no nosso país.

Associações: 18 Mil. Associados: 3 Milhões.

Dirigentes: 234 Mil. Seccionistas: 54 Mil.

Praticantes das diversas atividades desportivas: 2 Milhões.

Folclore: 93 Mil. Música (Bandas Escolas etc.): 80 Mil.

Grupos de Música Tradicional: 15 Mil.

Dança: 35 Mil. Teatro: 27 Mil.

Alunos em Formação nas diversas áreas: 200 Mil.

No Concelho da Covilhã existem cerca de 300 Associações.

- José Simões

* Trabalho apresentado na Tertúlia dos Combatentes em 12 Abril 2012

NOVA SEDE DO NÚCLEO

Por força das circunstâncias, melhor localização na parte nova da cidade, ótima luz solar, bom estacionamento, são motivos suficientes para a mudança, havendo a acrescentar o factor renda. Aqui deixamos um agradecimento especial à família Salas nossos arrendatários na Rua do Rodrigo, pois sempre foram de uma franco e inexcusável comportamento para com o Núcleo nos 5 anos em que ali estivemos sediados.

Neste espaço queremos uma maior frequência dos associados e familiares para que se justifique esta mudança. Portanto VC venha visitar a sua/nossa nova Sede. Venha tomar café connosco.



CORPOS SOCIAIS DO NÚCLEO DA COVILHÃ DA LC

ASSEMBLEIA GERAL



Presidente
Dr. Afonso Conceição Mesquita



1º Secretário
João António Sousa Rodrigues



2º Secretário
Rui Luciano Mendes Pinto

CONSELHO FISCAL



Presidente
João José Barata Gomes



1º Vogal
João Manuel Torrão dos Santos



2º Vogal
Albino Costa

DIRECÇÃO



Presidente da Direcção
João Cruz Azevedo



Secretário
João Luís Fernandes Afonso



Tesoureiro
José Augusto Ferreira da Silva



1º Vogal
Rui Fernando Rodrigues Velha



2º Vogal
João Fernando Almeida Mota



1º Vogal Suplente
Moisés Luz Reis



2º Vogal Suplente
António M. Carrola Matos



Optiframa[®]
o seu centro óptico

Consultas diárias de Optometria e Contactologia.
Agora também em Belmonte!

Protocolos com:



Reconhecimentos:



geral@optiframa.com

www.optiframa.com

Covilhã

Rua Marquês DÁvila e Bolama, 111-115
Telf.: 275 336 856

Covilhã Shopping, Loja 29
Telf.: 275 336 857

Serra Shopping, Loja 071
Telf.: 275 336 858

Fundão

Av. da Liberdade, 58
Telf.: 275 773 859

Belmonte

Largo Catarina Eufémia, 1
Telf.: 275 911 860

COMBATENTES DA VIDA

“Onde quer que existam homens há, por um lado, o trabalho e a organização social e, por outro, a negação, através de proibições da animalidade do homem”. Diz Betaille.

Desde que o homem se agrupou, passou a ser um combatente, inventou a guerra interpessoal e mais tarde intersocial. Desde que começou “A Guerra do Fogo”, símbolo do poder e do progresso, a vida tornou-se difícil. Somos produtores de sistemas de contratualização para melhor conduzir o “barco a bom porto”. Passou a ser “útil” proibir. Perdeu parte do paradigma da animalidade para adquirir o cultural.

Ao longo da História encontramos diferentes formas de lutar, de combater, de descontentamento, de revolta, de indignação, de violência, de guerra e, em extremo, de terrorismos. Desde as brincadeiras de criança, “se passas daqui, levas...!”, ao adulto, sempre gostamos de estabelecer “um risco no chão” ou leis (proibição/permissão), normas de possível convivência.

Mas estes combates podem ser divididos em duas perspectivas de realização. A externa, com expressão na guerra militar, entre povos, e a interna, que cada um desenvolve, segundo o seu grau de realização e as concepções de injustiça social.

A História está marcada por períodos de guerra e de paz. Também nós fizemos uma guerra, dita do ultramar, colonial ou da libertação, conforme as perspectivas. Fomos combatentes de ideais sociais, nem sempre os mais justos. Foi uma guerra que se transformou em violência, por não respeitar os Princípios Universais do Homem e que foi domesticando a nossa revolta ou indignação.

A guerra, como a vivemos, foi a continuação da política pelo uso das armas. É desta guerra que somos ex-combatentes. Ainda hoje vivenciamos várias formas de guerra, justas ou injustas, conforme os objetivos do poder político estão definidos pela defesa do bem comum ou na defesa do bem de alguns grupos ou “lobys”. A guerra faz parte do ser humano e do modo como é, em cada situação. Pelo modo como entendemos a guerra, compreendemos os ideais sociais e individuais dessa sociedade. Desta forma cada sociedade, para se sentir segura, ter paz, que permita o progresso, cria territórios estabelecendo o que é meu e o que é dos outros.

Nesta perspectiva, cada sociedade é o que as suas normas/valores a definirem. É aqui que

se domesticam os interesses individuais em coletivos. Consequentemente estar em guerra, não é um modo de morte, é um modo de vida. No fim de contas, os heróis nascem na guerra e todos queremos ser heróis, todos queremos o reconhecimento e até a gratidão dos outros. Todos queremos ser bem-sucedidos na luta pelo cume ou ideais que a vida nos propõe. Todos temos um EGO a defender.

Porém, são as visões unilaterais e egocêntricas, dos objetivos/finalidades, quer individuais, quer sociais, criam as guerras destrutivas, porque a sociedade humana, numa perspectiva ética, esquece-se que nem tudo o que é possível é permitido. É, muitas vezes, a ausência desta ética que dá origem a guerras, que implicam a luta pelo poder, onde os fins justificam os meios. Muitas vezes os objetivos do bem comum transformam-se em interesses privados e virtudes públicas. Daqui a origem da revolta, da violência, dos indignados, da guerra e, em último extremo, o terrorismo. É certo que a guerra deixa cicatrizes. Ninguém gosta da guerra, pelo que ela destrói, mas é fazendo a guerra que nos construímos, criamos um ego, e em que “o mundo pula e avança”, como se diz no poema “Pedra Filosofal”, tal como o demonstraram as duas guerras mundiais. Novos paradigmas de vida se desenvolveram. Genericamente, aceitamos a guerra, porque queremos contribuir para um amanhã, um amanhã de liberdade e felicidade, onde o desenvolvimento, o progresso, possam ser atingido, sempre na ilusão de encontrar os oásis porque ansiámos.

Não podemos, apenas, falar da guerra como expressão militar, de que somos, felizmente, ex-combatentes. Há outras guerras mais fundamentais, como o combate que todos travamos pela nossa felicidade e realização pessoal ou social. Todos os dias descobrimos que somos injustiçados, que estamos revoltados. Todos os dias se manifesta na nossa mente uma visão crítica das situações existências que vemos no mundo. São as situações em que só uns têm direitos e outros só deveres. São guerras de destruição étnica, que as novas armas permitem. É a pobreza e miséria que grassa no mundo e de que nos condoemos. É a falta de assistência na saú-



de ou na educação, que não temos. É aqui que temos de continuar combatentes. Só há ex-combatentes porque algo acabou. Ora a vida pessoal ou social, não está realizada, realiza-se no dia-a-dia. A vida é uma dialética constante. Nada se perde, mas antes tudo se transforma. Há sempre uma bandeira a içar, como dizia o nosso amigo Jorge Torrão, na “tertúlia”. Içar uma bandeira é querer ter um guia que justifique o nosso comportamento, a nossa forma de vida. É isso que tem caracterizado a nossa vida desde que nascemos. Fomos crianças, adolescentes, adultos e agora, dizem, que estamos na idade da aposentação. Tudo na vida é composto de mudanças, como dia o poeta. Em cada ciclo da vida fomos idealizando bandeira para justificar a nossa acção, ora na religião, ora na política, na arte, na ciência, no desporto, etc. Somos criadores de símbolos ou modelos a partir dos quais conduzimos as nossas acções ou forma de vida. Porém, nem sempre estes ideais são levados à prática, ou melhor, a prática sociopolítica, inverte muitos destes ideais, por interesses privados. É aqui que devemos estar alerta: lutar contra dogmatismos ou visões unilaterais da vida.

Concluindo, que ninguém deixe de ser combatente, apesar de, muitas vezes, nos instalarmos, periodicamente, em portos de abrigo. Estes devem ser factor de novas energias para continuar a nossa viagem, cujo destino desconhecemos. Nunca aceitemos ser ex-combatentes. A luta, por ideais fará de nós combatentes até à morte física. Sejamos cidadãos conscientes, que se guiam por uma ética de cidadania, lutando pela liberdade, a justiça e a equidade, numa sociedade mais equilibrada. Só assim a liberdade e responsabilidade são valores que contribuem para a ética da dignidade humana.

Manuel Bento Fernandes

AUDINEVE

**AS MELHORES MARCAS • OS MELHORES PREÇOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA**

KIELA NO SAMATAMO

Dou hoje mais importância ao modus vivendi do povo Ganguela, do que no tempo em que com eles convivi no dia-a-dia, durante os longos dezoito meses que durou a missão da minha companhia no local mais remoto das Terras-do-Fim-do-Mundo, nos primeiros anos da década de 70. Bem vistas as coisas, embora, rendida aos quarenta anos já passados, a memória esteja cada vez mais desvanecida, a verdade é que, na altura, ligava a pouca coisa que tivesse a ver com os seus hábitos. Retenho a ideia de que era um povo afável e humilde, mas culturalmente a anos de distância daquilo que se entendia designar por civilização. Os seus costumes eram ancestrais e pautavam-se por hábitos e crenças que, então, me pareciam mais próximas da pré-história do que dos nossos tempos e não tenho dúvidas de que os seus contactos com as modernices dos brancos só terão começado com a chegada da tropa. Até então, bastavam-se com aquilo que a imensa savana lhes oferecia e isso era mais do que suficiente para a satisfação das suas escassas necessidades. Do rio tiravam o peixe e da mata tudo o resto. Quanto à água, havia-a em abundância por todo o lado. Bastava dar uma volta pelo kimbo para se perceber tudo isso. As cubatas rudimentares que apenas serviam para se abrigarem do desconforto da noite, a pouco variada dieta alimentar, os poucos utensílios de que se serviam e os símbolos e fetiches à porta da curandeira de serviço, são exemplos dos sinais evidentes que se encontravam a cada canto. O temor do desconhecido e as crendices no sobrenatural ilustram perfeitamente o que quero dizer. O pavor que tinham de uma máquina fotográfica radicava na crença de que o aparelho lhes roubava a alma; saía-lhes do corpo e ficava presa no papel da fotografia. - Xicupula não! Gritavam à vista da temida e diabólica maquina. Exemplos semelhantes havia-os às dúzias. Já não me lembro da maior parte, mas as mezinhas com sangue de galinha, as danças para afugentar feitiços, o estrume de vaca que espalhavam na cabeça das mulheres que atingiam a puberdade comendo um artístico e mal cheiroso penteadado, o ritual da perda da virgindade e mais umas tantas crendices, compunham um leque razoável de comportamentos que considerávamos estranhos. O batuque, com o seu tum-tum-tum que chegava a durar dias, tocado a propósito de muita coisa, tanto podia servir para

abrilhantar uma comemoração ou uma festa, como para conferir dramatismo ao lamento pela morte de alguém ou ainda como banda sonora de um qualquer acto exorcista para afastar feitiços. Quando começava, nunca se sabia se comemoravam ou se choravam, se exorcizavam maleitas ou se simplesmente procuravam afugentar maus espíritos. O pior é que, normalmente preferiam fazê-lo à noite. E quando isso acontecia, ninguém conseguia dormir nas redondezas. Felizmente que ali era o capitão quem ditava as regras. O assunto resolveu-se com uma decisão que, provavelmente veio colidir com os seus hábitos: batuques, só com autorização prévia do comandante da companhia e não poderiam prolongar-se pela noite dentro. Mas, por ser o único que estava logo ali ao lado do aquartelamento, esta regra só valia para a população do kimbo da Neriquinha. Em todos os outros, espalhados pela mata imensa, os costumes seguiam as suas próprias regras, não havendo brancos por perto que pudessem sentir-se incomodados. O Samatamo era um desses kimbos. Mais pequeno que os demais, localizado nas imediações das chanas do Kuando, meio perdido algures na imensa savana, ficava a sul do Rivungo, a pouco mais de uma hora por uma picada que serpenteava por entre o escasso arvoredo. Passávamos por ali de vez em quando em patrulhamentos que se faziam, mais para marcar presença do que para outra coisa; contactava-se com a população e aproveitava-se para vigiar as margens do rio que ali fazia fronteira com a Zâmbia. Eram missões de dois dias, pacíficas, sem grandes canseiras ou caminhadas, efectuadas a cavalo de um unimog e chefiadas por um furriel à frente de meia dúzia de homens, já que mais do que isso, não cabia na viatura. Durante a minha permanência no destacamento do Rivungo, fui encarregue de uma dessas missões que, naturalmente, correu sem incidentes ou o que quer que fosse que merecesse ser relatado a não ser a noite passada à beira da chana, cuja humidade alimentava um autêntico viveiro de mosquitos gulosos. A verdade é que desta missão rotineira, praticamente insignificante face a tantas outras que me levaram a calcorrear quilómetros de savana, sobre um sol impiedoso ou chuvas diluvianas, apenas ficou um insignificante pomenor que, mesmo sem ter fotografias, permanece gravado na minha memória e ao qual só vim a dar importância muitos anos depois.

Saltámos do unimog e refugiámo-nos à sombra de uma árvore frondosa à entrada do kimbo, procurando protecção para a inclemência do sol que nos derretia e secava as entranhas, ao mesmo tempo que se acalmava a sede, sorvendo avidamente a água dos cantis. Ali ao lado e também à sombra da mesma árvore, quatro ou cinco elementos da população entretinham-se acorados à volta de três filas de pequenas covas, equidistantes umas das outras, como que comendo um tabuleiro meticulosamente escavado na areia endurecida pela chuva da noite. Aproximei-me curioso. Sementes redondas, pouco maiores que avelãs, estavam irregularmente distribuídas por cada covinha. À vez, cada jogador escolhia uma cova, fazia cálculos e distribuía pelas covas seguintes, uma a uma, as sementes que recolhera da cova seleccionada. Fiquei a olhar tentando perceber a lógica do jogo, mas só consegui discernir que não era indiferente a cova escolhida. Dependia da sua localização face às que se lhe seguiam e da quantidade de sementes que continha e não sei bem porquê, fez-me lembrar o jogo de gamão com que o Viola e o Ramirez costumavam entreter-se num tabuleiro existente na Neriquinha; nunca o percebi e só aqueles dois é que o sabiam jogar. Contudo, o avanço das peças no gamão é ditado pelo número que sair nos dados lançados no tabuleiro, enquanto que, no jogo das covinhas, a decisão é do jogador e isso implica uma estratégia e obriga a cálculos que não me pareciam simples. Ainda hoje não sei nem as regras nem a finalidade, mas sei que é um jogo de estratégia, aparentado com o xadrez, mais conhecido pelo nome de Kiela, que leva horas a chegar ao fim e cuja complexidade transforma em inofensivas brincadeiras de crianças os jogos de cartas como a sueca ou a bisca lambida, muito populares nas casernas dos nossos soldados. A imagem que retenho das covinhas no chão debaixo daquela árvore no kimbo do Samatamo, leva-me a concluir que, afina, aqueles indígenas, integrando uma etnia considerada entre as mais atrasadas do continente africano e cujo modo de vida me pareceu mais próximo da pré-história, eram exímios num jogo iminentemente intelectual.



Egídio Cardoso

www.angola3441.blogspot.com

VIVA ZIMBA!

Sérgio Zimba é um dos cartoonistas mais queridos e lidos no país. Isso é comprovado pela sua já extensa bibliografia, pelo menos 8 livros publicados nas últimas duas décadas – “Riso Pela Paz” [1993], “Lágrimas de Riso” [1995], “Mafenha” [1999], “Declaração Universal dos Direitos Humanos” [2005], “Ri Amor” [2006], “Introdução do Metical da Nova Família” [2007] e agora este “As Camisinhas” [2011]. Um percurso que o mostra já veterano mas que também assinala a sua popularidade, tão vincado é num mercado editorial tão escasso.

A sua obra expressa-se por um traço algo rude, um desenho agreste, a conter um humor quantas vezes brejeiro, sem medo de si próprio nem requebros de quem se mascarar do que não é nem do que quer ser. Um tom popular, firme, um riso quantas vezes ríspido, desencantado, no qual se mistura o “atrevido”, cheio de alusões e explícitos sexuais, a uma candura (e nesta muito se revelará o próprio autor, uma gentileza de pessoa).

Nesta mescla, quotidianas “comédias de costumes” condensadas em singulares imagens, Zimba vem desmontando os estereótipos do novo-riquismo maputense (universal?), mas também desvendando, pelo sorriso visceral que decerto conquista a compreensão que procura, os trejeitos da vivência urbana e suburbana. Surge com uma eficiência implacável, a acutilância do riso esventrando as “públicas virtudes” de todos nós. Talvez por isso o gosto “burguês”, “catequizado”, o olha algo de soslaio. E decerto que por isso, pela impiedosa refração deste mundo que nele habita, tão aceite é ele pelo seu público leitor – quem nunca viu as suas ilustrações fotocopiadas e afixadas nas paredes em empresas ou repartições públicas, consagrando uma adesão generalizada à sua “cosmologia”?

Mas não é só uma crítica social, há também no autor tem uma visão política cáustica, denotando um homem algo

descomprometido e também livre de um olhar mais programático (que na sua arte terá como arquétipo nacional a figura “Xiconhoca”), ou mesmo panfletário, estes quantas vezes auto-censores e inibidores do próprio humor.

Nele encontro ainda dois traços fundamentais: numa sociedade que, em termos de expressão pública, é muito puritana, Zimba joga com o sexo, dá-nos um quotidiano em que este é força motriz, como na realidade o é apesar de todos os moralismos inibitórios. E onde é também, e quantas vezes, relação de poder.

E mais ainda, Zimba escapa-se ao espartilho do português, é (provavelmente) o único homem da comunicação escrita que aqui usa de modo constante, e cúmplice, a associação do português com outra(s) língua(s). E este seu multilinguismo é uma suprema vantagem, uma qualidade a vincar. A este propósito penso que é sempre necessário recordar George Steiner, um dos últimos “mestres do pensamento”: “... ser poliglota é uma riqueza ilimitada: é uma janela aberta que me permite olhar múltiplas paisagens!”, algo tão voluntariamente esquecido na urbe moçambicana. Com Zimba não, as múltiplas paisagens, com pessoas que são idiomáticas, são expressas! Para mim, e tantos outros, algo de vigoroso se perderá nas traduções com que polvilha as suas ilustrações. Não faz mal, antes assim, pois é um mundo nada asséptico que nos traz, o da riqueza da complexidade, do tal idiomático. Neste fluir há dias em que ele me parece ser, no âmbito da escrita, o grande olhar moçambicano sobre o real.

O que tão óbvio surge neste seu último livro, dedicado à campanha para o tão necessário uso dos preservativos. O seu contributo ético para a cidadania. E que surge sem moralismos. Vão ler e comprovar.

José Teixeira

Blogue Ma-schamba

Sérgio Zimba AS CAMISINHAS



AURIA
BANDO DESINHADO



Sérgio Zimba, “Mafenha”, 1999

FICHA TÉCNICA:

O COMBATENTE DA ESTRELA
ORGÃO TRIMESTRAL

Núcleo da Covilhã da Liga dos Combatentes

Director: João da Cruz Azevedo

Publicação Trimestral, propriedade do Núcleo da Covilhã

Rua de Acesso à Estação, Lt. 2 - r/c - Loja 6 • 6200-494 COVILHÃ

Telefone e Fax: 275 323 780

E-mails: liga.covilha@gmail.com ou liga.covilha@sapo.pt

Redacção e Administração - Sede do Núcleo

Dep. Legal n.º 19325/87 - Inscrição n.º 401524

Composição: Núcleo da Covilhã

Impressão: Gráfica da Covilhã

A responsabilidade dos artigos publicados é dos seus autores.

JOÃO FERRAZ

MEDIADOR DE SEGUROS

Telm. 963 334 115

Telef. 275 323 351

Tel/Fax 275 089 651

E-mail: joaosferraz@gmail.com

Est. do Lameirão, 32-42

Apartado 144

6201-909 COVILHÃ

PORTUGAL

ANGOLA, GUERRA DO ULTRAMAR - MEMÓRIAS DE UM COMBATENTE

No seguimento do meu apontamento, publicado no último número do nosso "Combatente da Estrela", descrevo neste espaço os dias que se seguiram e que vivi intensamente, com o perigo a espreitar a cada momento. Passo a citar;

A Companhia de Caçadores 140 assim como as restantes, que faziam parte do Batalhão, (exceção feita à CCS) e dado que a mobilização havia decorrido num episódio de emergência, tinham partido desfalcadas de alguns efetivos, muito especialmente relacionados com as especialidades, pois não havia militares preparados em número suficiente, para as completar. Em face disso fui colocado na dita companhia, a fim de ajudar a suprimir essa falta. Acabei por estar em Úcuva apenas 3 dias. Juntei-me então à 140, e deslocámo-nos para a Roça de Santarém. Acabei por fazer muitos e bons amigos, naquela unidade, dos quais destaco sem esquecer os restantes, o Alferes Tavares, O Capitão Pires Ribeiro e o condutor José Afonso, mais conhecido pelo 31.

Entre Úcuva e a Roça de Santarém, localidade de des-

tino, existia a Pedra Boa que ficava situada próximo da famosa Pedra Verde. A passagem por esse local era temível, porquanto os ataques às colunas militares em deslocação, aconteciam com regularidade. Felizmente que nada aconteceu de anormal. Chegámos cerca das 21,30 horas, era um Sábado, cansados e cobertos de pó, daquele pó, que aquelas picadas na época seca, produziam em grande quantidade. Dormi essa noite em cima de uma camioneta carregada de munições. Tudo servia para fazer a cama, menos um colchão por mais inferior que fosse, pois era coisa desconhecida naquelas paragens. Na manhã do dia seguinte (Domingo) um camarada inadvertidamente, disparou um tiro o qual fez rebentar uma granada de Canhão, provocando ferimentos graves num outro militar que se encontrava próximo. Eram os primeiros de muitos episódios desagradáveis porque iríamos passar naquela guerra. A Companhia de Caçadores 140, talvez por ser aquela que tinha o número mais alto do Batalhão, foi a que esteve sempre na linha da frente. Tendo em conta a minha especialidade, era poupado a efetuar alguns serviços tais como: guardas e rondas, tarefas sempre difíceis e ingratas de desempenhar. No entanto não se realizava qualquer operação, sem a presença das telecomunicações. Tendo sido integrado no pelotão comandado pelo Alferes Tavares, também ele Beirão, natural de Salvador, Concelho de Penamacor, acompanhava o mesmo em todas as missões, onde participasse, assim como me ocupava em conjunto com os restantes rádio telefonistas, de efetuar as comunicações via rádio com o exterior da companhia, particularmente com o comando do Batalhão.

Na Roça de Santarém, sítio onde permaneci cerca de mês e meio, passei alguns momentos agradáveis, pois era uma localidade com alguma segurança e onde se mantinha em atividade determinado comércio, no qual nos podíamos abastecer de certos bens essenciais. Porém as deslocações aconteciam regularmente e aí sim, residia o nosso maior perigo, realçando de um modo particular as que efetuei e que foram em grande número, à Ponte do Dange e Vale de Loma.

José de Jesus Nunes Simões





RAMALHA
PADARIA & PASTELARIA

apoia as nossas actividades

Parque Industrial do Canhoso | 6200-027 Covilhã
Tel. 275 320 040 | Fax 275 320 049 | Email: ramalha@sapo.pt

AS GLICÍNIAS DO MEU JARDIM

Coincidia quase sempre com o tempo de Páscoa quando a trepadeira, em movimento ondulante, sobranceira ao jardim da centenária casa e que percorria as velhas escadas das minhas traquinices de menino começava a ter, à sua volta, lindíssimos cachos de glicínias! Este belo espectáculo ficou-me para sempre guardado nas minhas gratas recordações.

A Páscoa representava para os “meninos” e “meninas” do meu tempo, a alegria de se estar a avizinhar o calor, das férias, da beleza e o deslumbramento que nos rodeava, mesmo que, em alguns anos, as cólicas dos exames começassem já a fazer estragos!

Mas na Páscoa de “menino” também havia o compasso. E as glicínias eram, quase sempre, as flores que serviam de tapete, à entrada da casa... quando a comitiva chegava. Estão passados tantos anos, mas a minha memória absorveu, como talvez de nenhum outro espaço, a energia e o sentido poético que emanavam daquela bela trepadeira de glicínias! E lembra-me ainda quando um dia regressado da Guerra soube que a minha Casa tinha sido “sacrificada” à voracidade de um precoce urbanismo selvagem e com ela tinha sido derrubada, sem dó, nem piedade, aquele meu pedaço de menino que era a colorida trepadeira de glicínias! Fiquei triste e desiludido por não lhe ter dado um último olhar ou fazer-lhe uma última confiança para que soubesse que, muitos dos momentos da minha felicidade de outrora passaram por estar junto dela, quando, por exemplo, comigo foi cúmplice, vendo-me por ali empoleirado a brincar! Na realidade, lembro-me bem que, sob a sua vigilância e sob a sua sombra repousante, ali vivi momentos muito felizes, quando sentado nas velhas escadas, sobretudo, já próximo do Verão tive o meu contacto a sério com os livros, discuti com os meus amigos e irmãos as tácticas a usar no futebol muito amador que íamos praticando no jardim público defronte da casa... E mais velho só um bocado... fumei por ali o primeiro cigarro feito de barbas de milho... e talvez tivesse escrito também o primeiro bilhete de amor... Tudo com a cumplicidade e a beleza daquela velha trepadeira!

As recordações continuam muito intensas e muito gostaria, nem que fosse só por uns escassos segundos sentir, novamente, toda a fragrância daquelas glicínias ou vê-las crescer e a serpentear! Não sei até se eram as flores mais bonitas do meu jardim, mas pela grande aproximação que, sempre desde muito pequeno tive com elas foram, sem dúvida de qualquer espécie, as que mais nostalgia me deixaram da minha velha casa...

Qual será a razão principal tão implacável que, conforme vamos caminhando em passo mais acelerado neste imenso torvelinho, deixando para trás muitas ilusões e fantasias, a nossa memória se torna cada vez mais em saudade? E a razão porque cada vez mais nos lembramos de todos aqueles/aquelas que tão carinhosamente nos protegeram e trataram daquela linda trepadeira de glicínias? Apetece-me dizer como pensava o poeta: “Os que amei, onde estão?” Ou então conformar-me com o que aconteceu, citando – o, outra vez:

***“De novo, esses que amei, vivem comigo,
Vejo-os, ouço-os e ouvem também,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na comunhão ideal do eterno Bem”.***

Manuel Carlos Marques Pinto.



CAPUCHO E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA ADMINISTRATIVA

Foi ministro da República e presidente da Câmara Municipal de Cascais. Tive-o sempre por um homem sério e sensato. No final de Janeiro de 2010 António Capucho anunciou a suspensão do seu mandato na Câmara invocando “razões de saúde”, tendo sido as suas funções assumidas pelo vice-presidente. E pensei então «é mais um homem bom que se afasta da política». Porém, para minha surpresa, ultimamente, tem-se destacado pela formulação de críticas ininteligíveis. A primeira, e menos importante, é dirigida ao seu partido: “A direcção nacional vetou-me ao ostracismo, isso é um facto. Eu soube pelos jornais designadamente que tinha deixado de ser membro do conselho de Estado”, “O partido não está interessado em mim, eu não estou motivado para participar nos trabalhos do congresso...” Mas, tendo ele abandonado o cargo de presidente da Câmara por razões de saúde, que persistiam um ano depois, segundo declarou, que lugares públicos desejaria ele ocupar agora?! Se lhe fosse dado um relevante lugar no Estado, não iria ele pouco depois demitir-se invocando as mesmas razões de saúde?

Mas a sua crítica pública mais grave, que me parece absurda e lesiva do interesse nacional, é o facto de ele considerar um «disparate completo» a diminuição do número de freguesias e de municípios!

As Câmaras Municipais, com honrosas excepções, são em geral comandadas por militantes partidários incompetentes e pouco escrupulosos. Têm um funcionamento desregrado e são em número excessivo, não passando muitas delas de instituições sorvedouras de recursos públicos escassos e sítios de favorecimentos, de negócios e de corrupção. Dos 308 municípios actuais, 115 têm menos de 10 mil habitantes e 38 têm menos de 5 mil. Cidadãos esclarecidos e isentos vêm defendendo há muito a redução drástica do número de freguesias e de concelhos. Mas, por mero oportunismo político e eleitoralismo demagogo, governos do pós 25 de Abril, em vez de terem extinto autarquias, criaram novos concelhos e freguesias. Impunemente!

A Dinamarca, em 2004, reduziu o número de municípios de 271 para 98. E em Portugal, no ano de 1836, dos 817 municípios existentes restaram apenas 351. Presentemente, neste ano de 2012, aproveitando a oportunidade única da presença e da pressão legítima da Troika que nos governa, deveria abandonar-se de vez a demagogia e proceder-se a uma célere reforma administrativa que reduzisse para um terço o número de Municípios e de Freguesias. Em muitas localidades, onde agora existem sedes de Câmaras Municipais autónomas passariam a existir delegações subordinadas a outras Câmaras. E nem seria necessário despedir-se funcionários.

António Santos

UMA VISITA A NAO ESQUECER MUSEU DO CARAMULO

Visita realizada a 18 de Fevereiro, uma visita que se aconselha, a um Museu com obras extraordinárias, bem no centro do Caramulo. Mais conhecido por museu do carro antigo, possui em exposição obras de altíssimo valor de porcelana, pinturas, que não pudemos fotografar. Importantes as obras de Eduardo Malta (português) e de outros artistas. Malta era um dos bons confidentes de António O. Salazar. Os carros antigos e nem tanto, são magníficos. Também ali se encontra o carro destinado a António O. Salazar. Visitem que este grupo gostou.

Um Museu em pleno coração da serra do Caramulo, numa paisagem magnífica.



NOITE DE CARNAVAL

Uma noite animada de Carnaval no Resort Hotel Três Pinheiros na Mealhada.

Foi a 18 de Fevereiro. Pessoal simpático e bom serviço.

Jantar leitão à Bairrada bem acompanhado com vinhos regionais e espumante branco e tinto.

Após o jantar, a sala foi transformada em salão de baile onde um conjunto actuou toda a noite.

Alegria e música e mais uma demonstração de que os Combatentes estão vivos e bem vivos.

Viva o Carnaval e a terceira idade.



MUSEU CAVES ALIANÇA - SANGALHOS

Realizada em 19 de Fevereiro, foi uma visita maravilhosa, seguida com muita atenção por todo o grupo de 25 pessoas, ouvindo as explicações da simpática guia. Numa sucessão de várias galerias, a galeria africana chamou-nos especial atenção pois mostra muito dos nossos conhecimentos como Combatentes em África. As colecções expostas são de Joe Berardo, principal accionista do grupo "Bacalhoa". Outras galerias como: PinK, Bordalo Pinheiro, Azulejaria, Zimbabué e Arte Sacra. Mostra muito boa e rica do nosso inteiro agrado.

A explicação do fabrico do espumante e depois a prova do dito também foram do agrado geral.

Uma visita que recomendamos e em especial aos antigos Combatentes.



CARNAVAL DA MEALHADA

Carnaval é alegria e cor. Tristezas não pagam dívidas.

Na Mealhada a 19 de Fevereiro, tivemos muita música e o grupo esteve animado com as incidências do corso.

As imagens valem mais que mil palavras. Pena foi a falta de bancadas no local que escolhemos e que obrigou a alguns sacrifícios, mas que no final, dizemos, valeu bem a pena. Com agrado geral de todo o grupo.

Valeu a pena e o sol ajudou.

Os reis do Carnaval, figuras conhecidas, foram muito aplaudidos.



NÚCLEO DA COVILHÃ DA LIGA DOS COMBATENTES

Rua de Acesso à Estação, Lt. 2 - r/c - Loja 6 • 6200-494 COVILHÃ | Tel./Fax: 275 323 780 | Tel. Prov. 275 313 527

Emails: liga.covilha@gmail.com | covilha@ligacombatentes.org.pt

Veja as nossas actividades em: www.ligacovilha.com

ENCONTRO COMBATENTES DE ORJAIS

Mais uma bela jornada de confraternização e amizade, entre antigos Combatentes desta linda freguesia de Orjais nas margens do Rio Zezere.

A comissão do 5º Encontro mais uma vez solicitou a colaboração do Núcleo da Covilhã da Liga dos Combatentes e como vem sendo habitual lá estivemos com muito prazer. Verificou-se uma boa parceria entre a Comissão de Combatentes e a Junta de Freguesia, sendo que o presidente foi uma pessoa afável e que deve ser elogiado pelo seu trabalho. Ficaram todos a ganhar com esta forma de estar.

Presente o Vereador Dr. Pedro Silva, da Câmara Mun. Da Covilhã e nas várias intervenções, após as Homenagens aos Combatentes, junto ao singelo Monumento ali existente, todos manifestaram agrado pelo Encontro e dirigiram amáveis palavras para com o Núcleo da Covilhã. Também uma referência especial para o pároco Alberto, que evocou várias vezes a sua condição de antigo Combatente na Guiné, onde serviu como capelão militar.

Oito dezenas de convivas ao almoço, servido no Restaurante Estrela do Zézere e com oportunidade o antigo Combatente André Ribas, declamou um poema de sua autoria que sensibilizou os presentes e até o próprio.

No final uma passagem pelo Salão paroquial onde mostramos a Exposição sobre os 50 Anos do Início da Guerra Colonial, exposição que mereceu um bom número de visitas e onde cada um se reviu na sua condição de Combatente. Missão cumprida.

Para finalizar e a convite da Junta de Freguesia, no largo da Igreja actuou a Cantatuna da UBI.

Parabéns Orjais.



PRÓXIMAS ACTIVIDADES

5 Maio — Futsal Torneio Refugiense

27 Maio — VI Peregrinação a Fátima

03 Junho — Aniversário do Núcleo

30 Setembro — Sardinhada Anual

1 Novembro — Romagens aos Talhões

11 Novembro — Dia do Armistício

Participem - Colaborem

NECROLOGIA



**José António Alves
Farias Bichinho**
(05/07/1948 - 11-03-2012)

Serviu na Guiné
1969 a 1972



António Brojo Esteves
(19/06/1946 - 25/03/2012)

Serviu em Timor
1969 a 1973



GUIMARÃES 2012

CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

É fácil perdermo-nos a contemplar a cidade de Guimarães, quer estejamos no alto do Santuário da Penha, ou entre as ameias do milenar castelo, construído por Mumadona e que mais tarde serviu de residência a D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal. A cidade transporta-nos quase automaticamente para outras eras, para outros tempos, muito à custa da

exemplar conservação da cidade que em 2012 comemora 10 anos de património mundial da humanidade, designação atribuída pela Unesco e que visa preservar locais de excepcional importância cultural ou natural. Distinção que a cidade que viu nascer Portugal merece e ostenta com muito orgulho.

São muitos os motivos para visitar esta cidade minhota: os monumentos, os museus, a história natural, a história de Portugal indubitavelmente ligada à cidade e às suas gentes. Mas em 2012 há mais um motivo para conhecer ou voltar a esta cidade: Guimarães é a Capital Europeia da Cultura, juntamente com Maribor, cidade Eslovaca. A cidade engalanou-se! Obras foram feitas, e um renovado Toural surgiu! Os jardins da Alameda de São Dâmaso deram lugar a um espaço de convívio e de passagem que tornaram a cidade mais airosa, bonita e aberta. Edifícios abandonados, como as antigas fábricas de curtumes deram lugar ao novo instituto do design, o mercado antigo será futuramente o museu da memória, uma antiga fábrica têxtil é agora um espaço dedicado às Artes e Arquitectura (CAAA), outra antiga fábrica têxtil, a fábrica ASA, é agora um espaço multidisciplinar, onde podemos assistir desde a colóquios e conferências até exposições do mais diversos temas, ou mesmo repletos de sons musicais, devido aos inúmeros concertos aí realizados. A cidade respira cultura, a cidade vive cultura. E as ofertas são muitas: desde a espectacular orquestra sinfónica, reunida para fazer parte da CEC 2012, às inúmeras peças de teatro, aos concertos de todo o género de música, às diversas exposições, há para todos os gostos e todas as faixas etárias. E como cultura é, ou pelo menos deveria ser, para todos, os espectáculos custam entre 2 a 10€, sendo que uma boa parte deles tem entrada gratuita. Em dias de sol é recorrente passar nas ruas históricas e assistir a concertos espontâneos de música clássica, de actuações de grupos de teatro, ou a simples manifestações artísticas protagonizadas por artistas anónimos que não quiseram deixar de participar neste evento.

Quatro meses depois do seu início o saldo é francamente positivo. Cerca de 100 mil pessoas passaram em Guimarães na inauguração, com o espectáculo dos Fura Del Baus. Este número repetiu-se no dia 25 de Março aquando de novo espectáculo do mesmo grupo. Os eventos têm uma taxa média de assistência de 80%. Se em 2001 assistimos a um total fracasso do mesmo evento no Porto, Guimarães mostra ao país como organizar um evento deste género e ter sucesso. O segredo? Está nas suas gentes, que ama o que tem, e que tão bem recebe quem os visita. Ainda está indeciso? Não esteja! Venha a Guimarães e seja muito bem-vindo.

Helena Machado



Hotel dos Carqueijais

Serra da Estrela

Apt. 332 • 6200-073 Covilhã
Telf.: 275 319 120 • Fax: 275 319 124
E-mail: vc@turistrela.pt



turístrela
Hotels & Resorts

www.turistrela.pt



Hotel Serra da Estrela

Serra da Estrela

Penhas da Saúde - Apt. 332 • 6200-073 Covilhã
Telf.: 275 310 300 • Fax: 275 310 309
E-mail: hse@turistrela.pt